

Entrevista com o Irmão I.

1-maio-2014

P. Olá, Irmão I. Como sempre, é um prazer contar com a sua presença nestas páginas do boletim “Do Coração”.

Sei que a sua vida, digamos, social, não pode ser motivo de conversa entre nós... mas algum dado que permita aos nossos leitores conhecê-lo melhor para além do pseudónimo?

R. Quando pedimos a alguém que se apresente para a conhecermos melhor, normalmente esperamos que nos descreva onde nasceu, que estudos tem e que conquistas teve até à data. No entanto, isso não tem nada a ver com conhecê-la. Mais ainda, isso reforça a percepção de que é alguém “separado” de nós e, portanto, só veremos a **casca** que a envolve e não o seu verdadeiro Ser.

No entanto, para não ser descortês, direi aos leitores que nasci no coração da América do Sul e viajei por muitas partes do mundo. Formei vários grupos espirituais em diferentes países, sou músico compositor, escritor, engenheiro em sistemas computacionais, mestre em comércio internacional, empresário e conferencista. Desde os 14 anos iniciei os meus estudos espirituais, tendo escolhido a linha **esotérica** há muitos anos. Participei ativamente na Escola Arcana e Fundação Krishnamurti, entre outras. Agora, o meu interesse principal está focado como um Observador Treinado, o que significa que, através da Clareza do Coração, posso ajudar na Dissipação da ilusão mundial. Isto corresponde à linha do Agni Yoga ou Yoga de Síntese.

P. Não lhe vou perguntar em que zona da América está... mas... pode descrever-nos um dia da sua vida?

R. Os meus dias são muito intensos, apesar de serem muito tranquilos. O meu dia começa às 6:30 da manhã, com a chamada nominal feita pelos polícias da prisão. Posteriormente, realizo a minha habitual meditação. O resto do dia está dividido entre estudar, refletir, relações humanas com os demais presos, escrever livros e, por vezes, ver televisão. Quando o dia termina, já estou à espera que amanheça o dia seguinte, porque é muito emocionante toda a aprendizagem que estou a ter dia após dia.

P. Sente-se preso?

R. Só quando não posso sair para comprar um hambúrguer...

P. Semanas passadas, dizia-nos que as pessoas aqui são iguais às de fora... Como são as pessoas que, com maior proximidade, partilham o seu dia a dia?

R. Refiro-me a que, no nível fundamental, todas as pessoas são iguais, quer estejam na prisão ou na rua, quer vivam na Índia ou no Brasil, na Rússia ou nos Estados Unidos. Todas estão motivadas pelo medo, todas sofrem, não conseguem livrar-se da ira, da depressão e a atitude de escapar do que É está sempre à espreita. No entanto, por trás destas nuvens está o céu claro e limpo, está a paz, a harmonia, a plenitude e o amor. Todo o ser humano tem acesso instantâneo a este céu, só que não o sabe. Ouviu falar do céu, mas pensa que está a muita distância, que chegará a ele em algum tempo remoto

por meio de complicados sistemas ou métodos religiosos e espirituais. Então, as pessoas que vejo à minha volta são Filhos de Deus que se sentem culpados porque ACREDITAM que cometeram pecados e a culpabilidade clama por castigo. A maioria está aqui por autocastigo, mas eu não.

P. Até que ponto o partilhar das desgraças humanas lhe permitiu refletir sobre a realidade do homem... ou do ser humano?

R. O que para a personalidade ou ego é uma desgraça, para a Alma é a oportunidade de um maior fluxo de luz e, portanto, de se aproximar mais do despertar do seu longo sono, que normalmente é um pesadelo. A Luz da Alma é tomar consciência daquilo que está oculto na zona escura da mente. Os problemas ou as crises são os eventos de que a natureza se vale para abrir portas invisíveis para dar o passo seguinte, se se alcançou o suficiente despertar da consciência. Portanto, é preocupante quando uma pessoa passa a vida numa paz social (muito distinta da paz interior) e carece de crises. As crises são como caixas de presente. Quando a crise é pequena, a caixa é pequena e, portanto, o presente que vem dentro é pequeno. Quando a crise é grande, o conteúdo na caixa também é grande.

P. Deve-nos mover a discrição. Mas sabemos que se moveu, digamos, em ambientes espirituais... Que experiência lhe restou disso?

R. Primeiro, que a mente é a que cria toda a nossa realidade. Esta pode ser criada apenas de duas formas: por meio da personalidade ou ego e por meio da Alma. Quando se cria por meio da primeira, ou seja, da personalidade, esta cria de maneira inconsciente e o resultado será sempre caos e conflito. Como poderia resultar algo em harmonia quando alguém não sabe nem o que cria? Quando se cria por meio da Alma, que na realidade funciona ao contrário, ou seja, a Alma cria através de nós, então significa que nos rendemos à Vontade de Deus. A nossa vontade e a Vontade de Deus são uma só e, portanto, cria-se apenas beleza e harmonia, sustentada pelo amor e a paz do coração.

P. Em que medida fazem parte dos seus futuros projetos? Acha que se pode falar com propriedade de “futuros projetos” ou é melhor deixar que o dia a dia... flua?

R. Esta pergunta é muito interessante, porque mais cedo ou mais tarde aquele que reflete profundamente faz a pergunta que acabou de fazer. A Vida que flui dia a dia é a Vida de Deus que está sempre SÓ no eterno presente. O passado é apenas ilusão e o futuro nunca chegará. Esta Vida Una é plenitude, imutável e sempre em expansão, embora não precise de se completar em sentido algum. Para que esta Vida possa manifestar-se, é necessário que uma forma ou aparência a contenha e a expresse. Então, é muito importante fazer planos “físicos”, e como sempre é importante perguntar-se: o plano que estou a fazer segue os impulsos da personalidade ou da alma? Se for da Alma, então não há nenhuma diferença entre o plano físico e a Vida Una, não há diferença entre a nossa vontade e a Vontade Divina.

P. Em geral e a partir deste isolamento que, certamente, lhe permite refletir, digamos, “mais livre da rua”, como percebe o caminho que a Humanidade está a percorrer?

R. Penso que a Humanidade está no processo de despertar, mas ainda não o fez. Continua a procurar as suas aparentes necessidades no exterior, tanto no que diz respeito

às suas necessidades exteriores como interiores. A maior qualidade que penso que se requer neste momento é a Clareza mental. Ainda estamos na etapa de “obter”, seja o material ou o espiritual, quando devíamos estar na etapa de “soltar” os nossos condicionamentos mentais e enfrentar a clara luz da Alma que nos concede a verdadeira liberdade.

P. Acha que estamos num momento delicado e decisivo?

R. Sim, definitivamente. Se estudarmos a história da humanidade, dar-nos-emos conta de que as civilizações são como os seres humanos, ou seja, tiveram o seu nascimento, o seu desenvolvimento e a sua morte. Nenhuma sobreviveu à passagem do tempo. A nossa civilização atual parece estar a chegar à sua fase final. No entanto, poderia ser a primeira entre todas as anteriores a continuar para um novo ciclo de expansão de consciência sem ser destruída fisicamente, mas para isso tem que auto-renovar-se, já que não se pode colocar “vinho novo em odres velhos”. Renovar-se, neste caso, poderíamos entendê-lo como dissipar a própria ilusão individual, nacional e mundial. Caso contrário, tudo o que se percebe estará sempre distorcido e, portanto, as decisões que as pessoas, os grupos e os governos tomarem serão incorretas e perigosas, considerando o atual poder destrutivo em massa que se possui.

P. Percebe a possibilidade de uma mudança no ânimo da Humanidade?

R. Sim, a nível mundial, percebe-se um nascente sentido de síntese. O contrário da Síntese é a fragmentação ou a separatividade. Um exemplo de síntese é o Objetivo de Desenvolvimento do Milénio, promovido pelas Nações Unidas a todos os governos do mundo. É uma agenda produtiva mundial para acabar com a extrema pobreza, a fome e mais 7 pontos, até ao ano de 2015. Qualquer trabalho de grupo para o bem comum promove o sentido de síntese.

P. Visto da sua perspetiva atual, o que teríamos que modificar nós, seres humanos, para que isso se produza?

R. Mudar da atitude de “obter” para a atitude de “soltar” aquilo que obstrui a experiência direta da realidade ou a liberdade. Aquilo que obstrui é a grande ilusão da humanidade, onde o seu principal alicerce é a separatividade.

P. O que poderia aconselhar aos nossos leitores que possa ser de interesse para essa mudança?

R. No momento em que se deu a separatividade entre os seres humanos, entre os humanos e Deus, e na mente do próprio ser humano, deu-se início a um profundo e longo sonho em forma de pesadelo, do qual temos que despertar. No entanto, não podemos fazê-lo por nós mesmos; só alguém desperto e livre o pode fazer por nós. Esse alguém é a nossa Alma ou Anjo Solar. Então, o conselho é reforçar a nossa confiança no nosso interior, que é onde se encontra a nossa Alma, e pedir-lhe que conduza todos os nossos assuntos a cada dia e inunde com a sua luz clara a nossa mente, para que a Vontade de Deus possa manifestar-se através de nós.

P. Deve saber que os seus escritos suscitaram um grande interesse entre todos nós. A sua visão da vida mudou desde que está aqui?

R. Mais do que mudar, aprofundei a minha visão da vida, através da observação dinâmica que faço durante as relações diárias com os meus companheiros. Uma prisão é uma microssociedade, portanto, tem uma riqueza enorme se for bem aproveitada.

P. Não posso deixar de lhe perguntar sobre a liberdade. Ninguém melhor do que o senhor pode definir-nos, nestes momentos, o que é a liberdade... A liberdade é relativa? Acha que, digamos, lá fora, há quem careça de liberdade ou, pelo menos, não a saiba apreciar?

R. Nenhum dos aspetos da Verdade ou de Deus são relativos, são absolutos, imutáveis, perfeitos, não podem ser acrescentados nem tirados, não podem ser manchados nem perturbados, não podem ser fragmentados nem limitados. Por definição, tudo o que Deus criou é completo, puro e perfeito. A liberdade não depende das circunstâncias, mas dá-se apesar delas. Se tirarmos todo o condicionamento da nossa mente, então o que resta?

P. E se falamos de liberdade. Na liberdade interior, nela sempre aparece a luz. ¿Como percebe essa luz?

R. A Luz percebo-a como compreensão, a qual se produz quando há desapego. Apegamo-nos sempre ao passado. A Luz pertence ao presente, ao agora o qual é sempre eterno. A escuridão pertence ao passado.

P. Pelos seus escritos no boletim, deduz-se que está a experimentar vivências que, possivelmente, lá fora teriam sido, digamos, quase impossíveis... Acha que a nossa vida é movida por fios invisíveis?

R. Absolutamente, e o que move a vida é perfeito. A vida move-se de acordo com a Vontade de Deus. Vida e Deus são o mesmo. Esse movimento criador só pode dar alegria e paz. É apenas o ser humano que não despertou que se resiste ao que É, querendo sempre chegar a ser o que NÃO É nesse momento. A sua felicidade e a sua paz são procuradas no futuro e no exterior. Pensa que, quanto mais conhecimento e mais práticas espirituais realizar, mais se aproximará do centro de paz. No entanto, caminha pelo caminho contrário. A Paz e o Amor só se encontram no interior do coração e no eterno agora.

P. Numa das suas reflexões, falava-nos das “grades imaginárias”. O que nos pode acrescentar?

R. A humanidade em geral está entre grades imaginárias. A humanidade não é livre. A tarefa dos que estão a despertar é ajudar a despertar a humanidade antes que se destrua a si mesma. Mesmo que o faça, não terá destruído nada, porque a consciência não se destrói, e a aparência externa é apenas aparência, é apenas ilusão. A verdade sempre permanece e a ilusão sempre se desvanece, mais cedo ou mais tarde. As grades imaginárias são a miragem e a ilusão que se erigem como um muro entre o Ser humano e a Realidade do Reino dos Céus. É a separatividade sustentada pelo medo e pela culpabilidade.

P. Também nos falava do “sentido da culpabilidade”. Como podemos desvincular-nos dela?

R. Conhecendo a Verdade, a realidade do que verdadeiramente somos. Aí encontraremos que não há nada pelo qual nos sentirmos culpados. A culpabilidade provém da camada mais profunda do nosso ser. A culpabilidade básica é gerada pela ilusão da separatividade... de estar separados de Deus. Mas, como poderíamos estar separados de Deus se Ele é infinito, ilimitado e omniabrangente? Se reconhecermos e experienciarmos isto, a culpabilidade desaparece e o conseqüente castigo (autocastigo) também.

P. E falando de libertação interior... O que nos pode indicar para que possamos reconhecer o Cristo em nós mesmos?

R. Para conhecer o que somos, primeiro temos que conhecer o que não somos. Esta é a fórmula para ter uma experiência direta com a realidade, com Cristo em nós, esperança de Glória.

P. Por último, Irmão I. agradecer-lhe muito sinceramente as reflexões que, em diferentes meses, desfrutámos interiormente. Sinceramente, suscitaram, na sua leitura, um acendimento de luzes suscitadas pela sua própria luz. Não gostaria de deixar esta conversa sem lhe agradecer, em nome de muitos amigos, a luz que se desprende das suas reflexões. E, agora sim, despedir esta conversa pedindo-lhe que acrescente aquilo que lhe surgir “do coração”.

R. O agradecido sou eu, porque se estas palavras ressoaram nas mentes e corações das pessoas é porque a luz da humanidade está prestes a emergir nas suas consciências. Então, só poderia acrescentar que nos esforcemos por buscar esse Ser eterno e consciente que é a verdadeira fonte de todo o amor, paz e felicidade... esse ser é você mesmo.